

Cibercrimes em Espanha pré-eleições: estarão as democracias a findar?

DN dn.pt/opiniao/cibercrimes-em-espanha-pre-eleicoes-estarao-as-democracias-a-findar-16737055.html

23 de julho de 2023



Nos últimos anos, o mundo tem testemunhado um aumento significativo da ocorrência de ciberataques direcionados a instâncias democráticas em diversas partes do globo. Espanha, um exemplo de democracia resiliente, acabou por não escapar a esta ameaça - há poucos dias, e de forma muito violenta, grupos cibernéticos pró-Rússia atacaram vários websites: desde instituições bancárias, passando por ministérios, família real e o atual primeiro-ministro ou até o tribunal constitucional.

Tudo isto acontece após os espanhóis terem enviado quatro tanques Leopard (anunciados pelo seu ministro da Defesa) nos primeiros dias deste mês de julho. Reforçando a perspetiva do leitor perante esta análise, no dia em que Espanha iniciou a sua presidência da União Europeia (UE), o primeiro-ministro Pedro Sánchez deslocou-se a Kiev para uma reunião com o presidente ucraniano, num claro ato simbólico, destacando que a candidatura da Ucrânia à UE é uma das prioridades da atual presidência espanhola.

Não obstante, há outro fator que temos de considerar: Espanha encontra-se perto do fecho de um processo eleitoral complexo (dizem as sondagens, com presumível mudança no poder), numa altura instável da política e da sociedade espanhola.

Os grupos cibernéticos pró-russos, muitas vezes associados a governos ou atuando de forma independente, em nome da sua ideologia, tomam precisamente vantagem disto. Através da sofisticação notável nas suas operações, optam por usar a disseminação de

desinformação, phishing, roubo de dados, divulgação seletiva de informações sensíveis e ataques a sistemas de infraestruturas críticas, para atingirem as suas finalidades.

Estes grupos seguem uma doutrina russa daquilo que enquadrámos no espectro da ciber guerra, com objetivos claros de paralisar setores, fomentar perturbações económicas e evidenciar as vulnerabilidades da segurança daqueles que são, tendencialmente, os sistemas mais protegidos dos setores mais críticos da sociedade.

O foco passa por causar o pânico, o caos e a disrupção, com o potencial de enfraquecer a confiança nas instituições democráticas espanholas, já que os cidadãos passam a questionar a veracidade das informações que recebem e a credibilidade do Estado enquanto protetor da sua própria segurança. Acima de tudo, estas ações causam sérios danos em sociedades abertas e democráticas, minando os pilares essenciais da governança democrática e do contrato social.

E não nos enganemos: não há nenhuma fórmula mágica para restringir estes ataques. Os métodos atacantes estão cada vez mais complexos e difíceis de barrar, e os recursos são cada vez mais profissionais. Trata-se de estruturas cibercriminosas dotadas de constantes upgrades operacionais, mas também apoiadas por quem sabe e quem tem uma estratégia sólida. Por estes fatores, estes ataques não acontecem por acaso e ao acaso e, na sua maioria, complementam ou integram ações militares estatais. Neste caso, falamos da Rússia, que há muito que vê a NATO e os seus países signatários como inimigos.

Ainda que a operação não seja simples, é importante o desenvolvimento da cooperação entre países aliados para a partilha de informações sobre ameaças cibernéticas e a coordenação de respostas conjuntas a incidentes.

Enfrentar os ciberataques em instâncias democráticas é um desafio complexo, o qual requer uma abordagem multidimensional e colaborativa. A estratégia bem configurada de grupos pró-Rússia representa um desafio permanente para a segurança e a estabilidade mundiais.

Não se trata de "apenas" combater cibercriminosos. Trata-se, em primeira instância e acima de tudo, de proteger as nossas sociedades e as nossas democracias.

Fundador & CEO da VisionWare.

Especialista em Cibersegurança e Análise Forense.